

Bancos não reclassificam País

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Os maiores bancos norte-americanos devem apresentar a seus acionistas, nesta semana, os resultados financeiros de 1987, que estarão concentrados na "coluna de perdas", por causa das grandes reservas que todos fizeram para cobrir empréstimos problemáticos aos países em desenvolvimento, principalmente ao Brasil.

Mas a ameaça de reclassificação e rebaixamento do Brasil, que era aguardada para hoje, parece ter sido adlada, segundo indicavam, ontem, algumas fontes norte-americanas, confirmando uma impressão deixada pelo presidente do Banco Central,

Fernando Milliet, ao embarcar para o Brasil: a de que enquanto houver negociações a decisão, que já estaria tomada desde o ano passado, ficará suspensa.

"Depois de enfrentar seus acionistas, os banqueiros estarão menos dispostos, ainda, a emprestar mais dinheiro" — antecipava um banqueiro de Nova York, ontem, acrescentando: "Pelo contrário, a tendência demonstrada com o Brasil, na reabertura das negociações da dívida, na semana passada, deverá ser reforçada: o que os bancos vão querer é o seu dinheiro de volta".

O Comitê de Bancos Credores do Brasil fechou questão em torno do

pagamento de US\$ 765 milhões de juros vencendo em janeiro, mesmo que em novembro tenha sido avisado, pelo governo brasileiro, que qualquer pagamento só seria possível com um socorro dos próprios bancos. O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que enfrentou os banqueiros na semana passada, em reuniões muito tensas, voltou ao Brasil para consultas, no sábado, depois de conseguir que as negociações prosseguissem em outras áreas. Ele deve voltar nesta semana para os Estados Unidos.

As negociações ficaram paralisadas ontem, por causa do feriado comemorativo do nascimento de Martin Luther King, e recomeçarão hoje.